

NAPNEE

Núcleo de Atendimento
às Pessoas com Necessidades
Educaionais Específicas

ATENDIMENTO

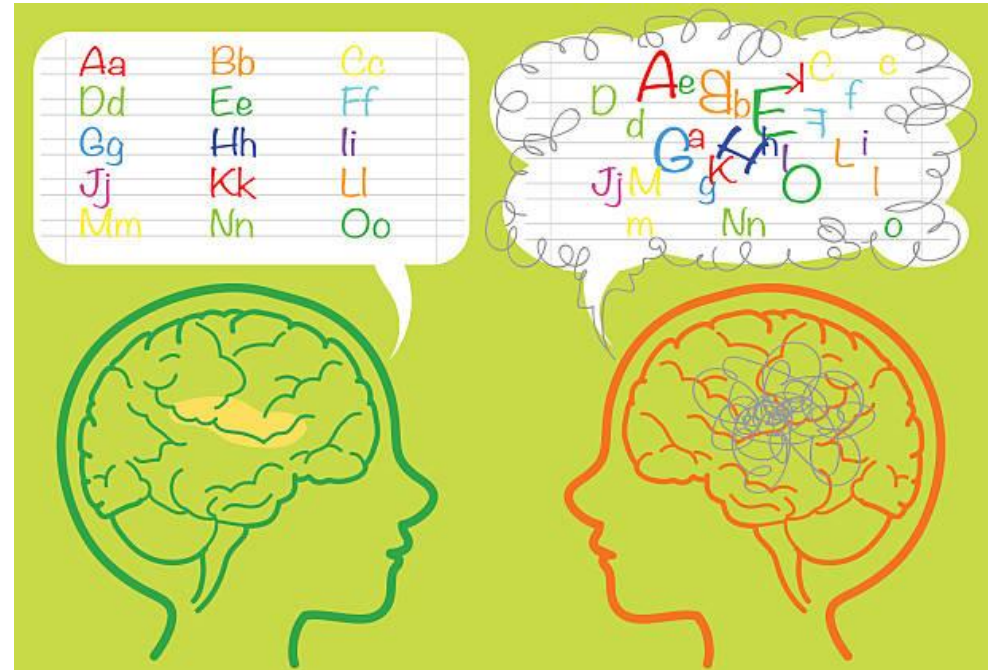
PROTOCOLOS BÁSICOS E INICIAIS
PARA ESTUDANTES COM DISLEXIA



**INSTITUTO
FEDERAL**
Minas Gerais

DISLEXIA

A dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica. A causa do distúrbio é uma alteração cromossômica hereditária, o que explica a ocorrência em pessoas da mesma família. Também pode vir a ser uma consequência de algumas alterações na estrutura cerebral, dificuldades de comunicação entre os neurônios ou desenvolvimento tardio do sistema nervoso central. Caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração – levando a um déficit no componente fonológico da linguagem e outras habilidades cognitivas -, a dislexia não é uma doença, portanto, não se fala em cura. Mas, com os acompanhamentos adequados a pessoa pode ter qualidade de vida.





A dislexia compromete a capacidade de aprender a ler e a escrever com correção e fluência, de memorizar e de compreender um texto, apresentando-se em diferentes graus. Quem possui este transtorno não consegue estabelecer a memória fonêmica, isto é, associar os sons às letras. Também apresentam confusões entre grafemas (os símbolos usados para formar palavras, expressões matemáticas, gráficos) e fonemas (os sons que usamos para formar e distinguir as palavras) e, conseqüentemente, dificuldade de compreensão do assunto escrito e de interpretação do que está escrito. São comuns erros ortográficos, trocas de letras ou sílabas, além de inversões, adições e omissões na escrita, caligrafia irregular, dificuldade para organizar suas ideias em um texto.

Na leitura, percebe-se alterações no ritmo e na precisão, comprometendo a compreensão do conteúdo lido por eles mesmos. Há dificuldade no processamento fonológico e no reconhecimento das palavras. A leitura é silabada, hesitante e lenta mesmo após a alfabetização. Podem ter necessidade de seguir a linha do texto com os dedos - sintoma comum de dislexia -; e apresentam dificuldades para reconhecer rimas e símbolos (inclusive matemáticos) e de decorar a tabuada; fazendo inversões, acréscimo ou omissão de letras; saltando ou retrocedendo linhas no momento da leitura. Esses sujeitos não têm dificuldades para oralizar, nem para compreenderem o que escutam.



Estas estratégias educacionais são gerais para efetivar a inclusão escolar de pessoas com Dislexia, podendo ser alteradas de acordo com as singularidades do aluno a que se destina o PEI. Como cada pessoa tem sua singularidade, diante da Dislexia não é diferente, havendo ainda as particularidades das disciplinas.



- Deve-se estabelecer contato com o aluno explicando detalhes da disciplina em questão, pois ele poderá apontar alguns dos caminhos para o professor seguir e mediar a construção do conhecimento conjuntamente;
- O PEI precisa ser funcional, estruturante e significativo;
- O foco do ensino precisa ser as potencialidades e não as limitações;
- O educador deve orientar todos os alunos da turma no sentido de acolher e compreender as limitações do colega com Dislexia;
- O educador deve conhecer os diferentes meios de comunicação e de aprendizado, assim como os possíveis recursos que sejam necessários para efetivação da construção do conhecimento, para que haja melhor interação social entre todos;
- O educador precisa informar-se sobre as características de cada um dos seus alunos, com ou sem deficiência, percebendo suas potencialidades e necessidades;

- O aluno com dislexia deve participar das atividades oferecidas pela escola, junto com os outros alunos, desempenhando tarefas ou papéis de acordo com suas possibilidades. Sua participação efetiva irá proporcionar-lhe sentimento de pertencimento ao grupo;
- Realize as adequações necessárias ao aluno com dislexia nos ambientes da escola, no currículo, nos planos de aula, nas atividades de aula e até nas avaliações, com objetivo de facilitar o desenvolvimento educacional e o desempenho destes alunos;
- Oferte atendimento de apoio individualizado para que o aluno consiga tirar suas dúvidas, reforçar os conhecimentos construídos e ter maior chance de acompanhar a turma.

Adaptações em sala de aula:

- Dê tempo adicional para o estudante completar as tarefas (direito assegurado por lei);
- Ofereça ao aluno ajuda para fazer suas anotações, caso necessário;
- Modifique trabalhos e pesquisas, segundo a necessidade do aluno;
- Esclareça ou simplifique instruções escritas, sublinhando ou destacando partes importantes;
- Reduza a quantidade de texto a ser lido;
- Evite solicitar ao aluno ler em voz alta ou em público;
- Bloqueie estímulos externos (visuais, por exemplo), se o aluno tende a distrair-se com facilidade com os mesmos. Pode-se usar como recursos: cobrir esses estímulos, aumentar o tamanho da fonte e/ou aumentar o espaçamento entre as linhas;

- Destaque (com caneta apropriada, por exemplo) as informações essenciais em textos e livros, se o aluno tiver dificuldade em encontrá-las sozinho;
- Proporcione atividades práticas adicionais, uma vez que os materiais normalmente não as fornecem em número suficiente para alunos com dificuldade de aprendizagem. Tais práticas podem incluir exercícios práticos, jogos instrutivos, atividades de ensino em duplas, programas de computador etc;
- Forneça glossário dos conteúdos e guia para ajudar o aluno a compreender a leitura (esse último pode ser desenvolvido parágrafo a parágrafo, página a página ou por seção);
- O aluno poderá usar dispositivo de gravação em acordo com o docente. Textos, livros, histórias e lições específicas podem ser gravadas. Assim, o estudante pode reproduzir o áudio para esclarecer dúvidas. O aluno pode, ainda, escutar e acompanhar as palavras impressas e, assim, melhorar sua habilidade de leitura;

- Utilize tecnologia assistiva e meios alternativos, como "tablets", leitores eletrônicos, dicionários, audiolivros, calculadoras, papéis quadriculados para atividades matemáticas etc;
- Repita instruções e orientações quando o aluno apresenta dificuldade em seguir instruções escritas. Se estas instruções e orientações tiverem várias etapas, pode-se dividi-las em subconjuntos ou apresentá-las uma a uma. Quando são dadas por escrito, deve-se certificar que o aluno foi capaz de ler e compreender as palavras, seus significados e sentidos das frases;
- Mantenha rotinas diárias, pois muitos alunos com problemas de aprendizagem têm dificuldade em organizar-se com autonomia;

- Forneça anotação das aulas (ou esboços) para aqueles que têm dificuldade em realizá-las com autonomia;
- Combine informação verbal e visual e proporcionar organização dos conteúdos ministrados;
- Escreva pontos ou palavras-chave no quadro, antes de uma apresentação;
- Equilibre as apresentações orais com informações visuais e atividades participativas, o que inclui equilíbrio das atividades em grupo, geral e individual;
- Utilize dispositivos mnemônicos (relativos a memória) para ajudar os alunos a se lembrarem de informações chave;

- Enfatize a revisão diária. Este tipo de estratégia pode ajudar os alunos a fazerem ligações com conhecimentos prévios;
- Varie os modos de avaliação, ou seja, apresentações orais, participação em discussões, avaliações escritas, provas com múltiplas escolhas etc;
- Altere o modo de resposta. Para aqueles que têm dificuldade de coordenação motora fina e/ou com a escrita manual, permitir diferentes modos de exposição do conteúdo (espaço extra para escrever, sintetizar conteúdos, atividades de múltipla escolha, exposição por meio de desenhos, respostas orais etc.);
- Posicione o aluno próximo ao professor, longe de sons, pessoas ou materiais que possam distraí-lo, principalmente aqueles que tenham problemas com a atenção;
- Estimule e ensine o uso de agendas, calendários e organizadores. Com isso, o aluno poderá estar atento a datas e prazos de atividades escolares;

- Fale olhando direto para o estudante. Isso ajuda muito, além de enriquecer e favorecer a comunicação;
- Verifique sempre e discretamente se o aluno demonstra estar entendendo a exposição. Ele tem dúvidas a respeito do que está sendo objeto da sua aula? Ele consegue entender o fundamento, a essência do conhecimento que está sendo tratado? Ele está acompanhando o raciocínio, a explicação, os fatos? Repita sempre que for preciso e apresente exemplos.
- Certifique-se de que as instruções para determinadas tarefas foram compreendidas. O quê, quando, onde, como, quem, em que horário etc. Não economize tempo para constatar se ficou realmente claro para o aluno o que se espera dele;
- Observe discretamente se o aluno fez as anotações da lousa e de maneira correta antes de apagá-la. O disléxico tem um ritmo diferente dos não-disléxicos, portanto, evite submetê-lo a pressões de tempo ou competição com os colegas;

- Observe se ele está se integrando com os colegas. Geralmente, o disléxico angaria simpatias entre os companheiros. Suas qualidades e habilidades são valorizadas, o que lhes favorece o relacionamento. Entretanto, sua inaptidão para certas atividades escolares (provas em dupla, trabalhos em grupo etc.) pode levar os colegas a rejeitá-lo nessas ocasiões. O professor deve evitar situações que evidenciem esse fato. Com a devida distância, discreta e respeitosamente, deve contribuir para a inserção do disléxico no grupo classe;
- Estimule-o, incentive-o, faça-o acreditar em si, a sentir-se forte, capaz e seguro. O disléxico tem sempre uma história de frustrações, sofrimentos, humilhações e sentimentos de menos valia, para a qual a escola deu uma significativa contribuição. Cabe, portanto, a essa mesma escola, ajudá-lo a resgatar sua dignidade, a fortalecer seu ego, a construir sua auto-estima;
- Não lhe peça para fazer coisas na frente dos colegas, que o deixem encabulado, como ler em voz alta;

- Atenção: em geral, o disléxico tende a lidar melhor com as partes do que com o todo. Abordagens e métodos globais e dedutivos são de difícil compreensão para ele. Apresente-lhe o conhecimento em partes, de maneira dedutiva;
- Permita, sugira e estimule o uso de gravador, tabuada, máquina de calcular, recursos da informática;
- Oralizar, ler as provas, mais tempo para realizar as atividades - especialmente avaliativas -, ter monitor para atuar como leitor nos casos mais acentuados, revisar as questões, priorizar a resposta e não a ortografia que utilizou, permitir uso de fórmulas e tabelas, propor trabalhos e/ou projetos, avaliando outras habilidades além da escrita e leitura;

- Considere, nas atividades e avaliações, que pessoas com este distúrbio podem confundir lado direito com esquerdo (no sentido espacial); escrever de forma invertida (ao invés de “vovó”, “ovóv”; ao invés de “topa”, “pato); omitir sílabas ou letras como “transorno” ao invés de “transtorno”; e até mesmo confundir letras com grafia similar, por exemplo “n-u”, “w-m”, “a-e”, “p-q”, “p-b”, “b-d”; e confundir palavras (ler “famoso” e entender “família”, trocar “todos” por “totos”); podendo, ainda, promover o acréscimo de letras ou sílabas (“estranho” por “estrainho”);
- Use linguagem direta, clara e objetiva quando falar com ele. Muitos disléxicos têm dificuldade para compreender uma linguagem (muito) simbólica, sofisticada e metafórica. Seja simples, utilize frases curtas e concisas ao passar instruções.



Fonte: Centro Tecnológico de Acessibilidade do Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS (<https://cta.ifrs.edu.br/>), representado por Andréa Poletto Sonza, assessora de Ações Inclusivas do IFRS.



Adaptação: Setor de Acompanhamento dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNEEs), da Diretoria de Assuntos Estudantis do Instituto Federal de Minas Gerais, representado por Aline Cristina Viana Rocha, técnica administrativa em Educação do IFMG.

NAPNEE

Núcleo de Atendimento
às Pessoas com Necessidades
Educaionais Específicas



**INSTITUTO
FEDERAL**
Minas Gerais